

Periodicidade e faixa etária na prevenção do câncer cérvico-uterino

Carneiro Arnaud¹

Estou grato pela oportunidade de participar de reunião tão importante, em ambiente tão saudável, tão salutar, que é a luta contra o câncer em nosso país. Fui diretor do Hospital Napoleão Laureano, lá em João Pessoa, desde o seu início. Talvez seja por isso que os coordenadores desse encontro tenham se lembrado de mim para participar desta reunião.

Gostaria de parabenizar a Divisão Nacional de Doenças Crônico-Degenerativas, do Ministério da Saúde, pela iniciativa em promover uma reunião para exame de um problema tão importante e tão significativo como esse. A luta contra o câncer em nosso país tem tido altos e baixos. Infelizmente, ela não tem sido permanente. Os trabalhos de luta contra o câncer, no Brasil, não têm seguido uma linha reta, com permanência de uma ação nos diversos estados do Brasil. Nós encontramos, num determinado momento, uma ação eficiente, eficaz e, de um momento para outro, tudo desaparece, como se não existisse mais câncer no país. O Serviço Nacional de Câncer, era assim chamado, tornou-se a Divisão Nacional do Câncer, porque alguém assim o quis. De um momento para o outro, essa divisão foi extinta e se fez uma divisão única, chamada Divisão de Doenças Crônico-Degenerativas, com o câncer no seu contexto de ação. É claro que, assim sendo, o problema câncer perde substância na ação do Ministério, porque fica diluído entre diversas outras entidades nosológicas. O INPS, hoje INAMPS, fez um trabalho que considero muito interessante e muito significativo. Em face de pessoas interessadas, colegas competentes, cancerologistas de renome que tiveram influência junto à presidência do INPS na época, passou a existir um programa de ação em relação ao câncer nas diversas superintendências do país. E foram criadas as Comissões Regionais de Oncologia. Essas comissões começaram a trabalhar e concordaram em elaborar um trabalho de maior importância, e, lamentavelmente, quando o presidente do INPS foi substituído, tudo aquilo desapareceu. Ninguém falou mais na comissão. Eu, inclusive, fazia parte da comissão

da Paraíba. A comissão desapareceu, diluiu-se sem que ninguém tivesse nem a delicadeza de fazer um ato, destituindo a comissão ou fazendo-a desaparecer. Ela desapareceu por si, porque, daí para a frente, ninguém falou mais em ação sobre o câncer no Ministério da Previdência Social da época. Existem, no Ministério da Saúde, as delegacias de saúde. E o que acontece, num país tão carente de saúde como o nosso, quando se devia fazer um reforço, dar mais prestígio, mais ênfase às delegacias de saúde? O Ministério extingue as delegacias de saúde nos estados. Vemos que os problemas de saúde, com certeza, estão sendo relegados, não digo nem ao plano secundário, mas ao plano terciário. Digo isto porque fui diretor do Hospital Napoleão Laureano, Hospital do Câncer, desde a sua inauguração, até ser eleito deputado federal.

Sugiro que se crie no nosso país, no Ministério da Saúde, uma linha de ação e que ela não seja modificada ao bel-prazer das pessoas, mas que ela seja continuada, permanentemente, porque só assim poderemos atingir seus objetivos. Em João Pessoa, quando diretor do hospital, entrei em contato com a Universidade Federal da Paraíba e, juntamente com os colegas do hospital, conseguimos criar na universidade a cadeira de Cancerologia, cujas aulas passaram a ser ministradas no próprio hospital. Acho que é um trabalho de muita importância, porque criamos na Universidade uma conscientização do problema do câncer. E, agora, como prefeito da Cidade de João Pessoa, estamos desenvolvendo um trabalho que é modesto em decorrência dos poucos recursos de que dispomos. Além dos postos de saúde se preocuparem com o exame da mulher, o exame ginecológico, quer ela vá por uma outra causa qualquer, ela é examinada, como também nas creches do município adotamos sistematicamente o exame ginecológico da mãe que leva o filho para ficar sob os seus cuidados; quer seja sintomática, quer seja assintomática, ela é convencida a ser examinada. É que o pessoal da creche está trazendo uma conscientização, uma educação daquelas mães. Educação não somente de ordem

¹Ex-Diretor do Hospital Napoleão Laureano (Cidade de João Pessoa).

sexual, mas educação para que ela saiba se cuidar, para que ela tenha os cuidados higiênico-dietéticos com ela e com os filhos, já que se trata, na maioria dos casos, de pessoas ignorantes, carentes. Elas indo levar seus filhos às creches, esses filhos ficam sob os cuidados das creches do município; elas antes de irem para o trabalho se submetem, então, ao exame ginecológico para colheita do material.

João Pessoa é uma cidade que poderia até servir de modelo para se implantar um ótimo serviço de prevenção do câncer ginecológico, porque existem os postos de saúde do município, em número razoável, distribuídos nos diversos bairros da cidade; existem os postos de saúde pertencentes à Secretaria de Saúde do Estado, como existem os centros de saúde do INAMPS, da Previdência Social. Então, se todos esses centros de atendimento fizessem os exames nas mulheres com o intuito de se diagnosticar ou de se prevenir o câncer ginecológico, esse material todo colhido seria encaminhado para um laboratório central, um laboratório de grande porte, um laboratório que seria não somente para análise de exames citológicos, mas também para preparo de pessoal. Tivemos até que preparar alguns citotécnicos, e foram as nossas queridas colegas Dras. Mercês e Nacyr que prepararam, não somente para João Pessoa, mas também para outras cidades, um grupo de citotécnicos. Se hoje vocês me perguntassem onde eles estão trabalhando, eu diria que não sei mais, porque os salários não são compensadores. É uma profissão que precisava realmente ser estimulada, apoiada, ter um salário condigno, porque um profissional diferenciado não pode ser comparado com um atendente de enfermagem comum ou com um outro profissional cujo preparo é feito em poucos dias. O citotécnico demanda um tempo razoável e tem que ter um certo conhecimento, um certo preparo para poder ser realmente bom profissional. Preparamos diversas citotécnicas e, hoje, eu já não sei onde elas estão, porque não sentiram compensação, não sentiram vantagem para a sua subsistência em serem citotécnicas lá do hospital.

Em linhas gerais, eram estes os comentários que eu gostaria de fazer, e dizer que nós estamos aqui debatendo a periodicidade e faixa etária da prevenção do câncer cérvico-uterino. Eu acho que, no momento, no nosso país, o importante é fazer com que a mulher

seja examinada, porque acontece muito, e os colegas médicos já devem ter ouvido isso, mulheres e homens dizerem ao médico "eu estou com tantos anos e nunca fui ao médico", como se aquilo fosse uma glória, uma grande vantagem, que é na realidade uma demonstração de falta de preparo, de falta de educação, de cultura do povo mesmo, o qual não é preparado para ir ao médico, independente de ter um sistema, de ter uma doença grave. O que precisamos fazer é com que a mulher vá ao exame, faça o exame aonde for possível, por exemplo, quando ela vai levar o filho à creche, deve ser examinada. Se ela vai por uma outra causa para fazer um outro exame de uma outra especialidade, qualquer que seja, deve ser convencida a fazer seu exame ginecológico, e que tudo isso seja facilitado, para que ela não perca tempo e não se sinta prejudicada por ficar nas filas horas e horas esperando pelo exame. Quem já tem um salário pequeno e falta ao trabalho, perde ponto, perde parte do seu rendimento, então essa pessoa tem que ser facilitada nos diversos horários, de modo que faça o exame ginecológico. Acredito que podemos conseguir isso e também manter essa linha de ação que o Ministério está montando para que as delegacias de saúde voltem a funcionar, disciplinando, coordenando e fiscalizando uma soma fabulosa de recursos que está indo para os diversos estados, entregues aos secretários de saúde, uns preparados, que têm consciência, que têm espírito público e que aplicam o dinheiro corretamente. Lamentavelmente, porém, para alguns estados os secretários de saúde não têm nem a boa noção de como aplicar corretamente esses recursos, totalmente desperdiçados, quando se podia fazer um trabalho realmente de envergadura. Um trabalho para recuperar tudo o que foi perdido desse país durante tantos anos.

Eram estas as minhas considerações, e aqui faço os meus agradecimentos pela oportunidade de expor esses comentários despreziosos porém sinceros, que surgem pela experiência, pela vivência que eu tive à frente do Hospital Napoleão Laureano e, hoje, como prefeito do Município de João Pessoa, estou fazendo realmente um trabalho tímido, pequeno, mas talvez até pioneiro, em decorrência da falta de recursos, pois o município ainda não contou com apoio para a implantação do Sistema Unificado Descentralizado de Saúde.